

8 CONCLUSÃO FINAL

8.1 Conclusões

Dentre as questões relacionadas à saúde mental dos trabalhadores, a carga de trabalho é identificada como um dos principais fatores de risco para a saúde psicológica presentes no ambiente de trabalho. (Brun et al. 2003, In: LACHANCE, 2006). Além disso, outros fatores como o reconhecimento, o apoio social, a autonomia e o sentido atribuído ao trabalho fazem também parte das preocupações. Estes fatores próprios ao ambiente de trabalho parecem influenciar a carga mental de trabalho e os efeitos desta sobre a saúde dos indivíduos.

Um outro aspecto importante refere-se à carga emocional e o papel que cumprem as emoções dos indivíduos na carga de trabalho.

Hochschild (1983), pioneiro do conceito de trabalho emocional ("emotional labor"), preconiza que o mesmo consiste no modo como o trabalhador elabora determinados sentimentos para projetar uma imagem esperada pela organização. Este autor (op. cit. 1983) acrescenta que cerca de um terço dos trabalhadores tem a gerir, no seu trabalho, as emoções dos outros além da sua.

Alguns ergonomistas incluem as tensões e as dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores no relacionamento interpessoal na noção de carga de trabalho (Bouzit et al., 2002, Hamon-Cholet, 2001). Conforme Hamon-Cholet, (2001) estas tensões podem ser indicadores de carga mental, ou como preconiza Bouzit et al. (2002), constituir um aspecto relevante da carga de trabalho global que difere da carga mental.

Os agravos decorrentes do trabalho que acometem os trabalhadores podem ocasionar distúrbios de natureza psíquica.

De modo geral, fatores desencadeantes de distúrbios psíquicos são reportados ao trabalho e, podem estar articulados a modos individuais de responder, interagir e adoecer. Nesta direção vale lembrar que as cargas do trabalho incidem sobre a pessoa portadora de uma história singular que antecede sua atividade de trabalho. Por

consequente, a carga de trabalho global sendo afetada pode-se apresentar reflexos na carga mental de trabalho.

Mendes (1998) argumenta que alguns sinais e sintomas de distúrbios psíquicos podem ser observados em modificação do humor, fadiga, irritabilidade, cansaço por esgotamento, isolamento, distúrbio do sono (falta ou excesso), ansiedade, pesadelos com o trabalho, intolerância, agressividade, tristeza, alcoolismo, absenteísmo. Alguns sintomas físicos também podem suceder como, por exemplo, dores de cabeça, no corpo, perda do apetite, tonturas, náuseas, sudorese, taquicardia, somatizações, conversões (queixas de sintomas físicos que não são encontrados em nível de intervenções médicas) e sintomas neurovegetativos.

Considerem-se, ainda, as condições de trabalho (físicas, químicas e biológicas, vinculadas à execução do trabalho) que podem gerar ou desencadear distúrbios psíquicos; a organização do trabalho (estruturação hierárquica, divisão de tarefa, jornada, ritmo, trabalho em turno, intensidade, monotonia, repetitividade, responsabilidade excessiva), entre outros.

Nesta pesquisa ressaltamos que dentre os fatores envolvidos nas condições ambientais de trabalho, a exposição às substâncias químicas prejudiciais à saúde, é severa tanto pelo contato direto com as substâncias e reagentes, como pelos odores e vapores que exalam estas substâncias no ambiente podendo provocar agravos para a saúde. Outro fator refere-se ao material biológico incluído em parafina e destinado à microtomia.

Em Diário da República (2007) são considerados resíduos sólidos perigosos, aqueles resíduos provenientes de amostras destinadas a exame histológico. Estes resíduos devem ser descartados em contentores apropriados por possuírem uma quantidade significativa de formol. Além disso, a parafina proveniente do processador automático de tecidos também deve ser rejeitada como sólido perigoso devido à sua mistura com xilol.

Um dado relevante que Dejours (op. cit.1992) acrescenta é que os riscos relativos à integridade física, as questões relativas à saúde física são majoritárias em algumas fábricas, porém, o mesmo não ocorre no que se refere à de saúde mental. Quanto aos prejuízos físicos, devem-se considerar os riscos de acidentes, assim como seus efeitos que se fazem sentir, sobretudo em nível da vida mental. A saúde física e as condições de trabalho, a saber, físicas e químicas são objetivamente apontadas pelos trabalhadores como fonte de perigo para o corpo. Este autor observa que mesmo sendo enfático o discurso do trabalhador com respeito às condições de trabalho, e mesmo que a relação

corpo-condição de trabalho seja corretamente estudada, nunca se faz menção das repercussões do perigo real a nível mental, da carga (de trabalho) psíquica inerente ao trabalho perigoso que, entretanto, faz parte do desgaste do organismo. O medo relativo ao risco pode ficar sensivelmente amplificado pelo desconhecimento dos limites deste risco ou pela ignorância dos métodos de prevenção eficazes.

Além disso, segundo Seligman-Silva (In: MENDES, R.1995, p.292) comenta:

“Para agüentar o sofrimento, encontrar uma forma de conviver com o mesmo e com a situação de trabalho que o provoca, a solução encontrada é decretar que o mal-estar não existe, negando ao mesmo tempo suas causas – as situações perigosas, coercitivas ou, de qualquer outro modo, perigosas”.

Conforme Dejours (1992) em trabalhadores da construção civil, por exemplo, a pseudoinconsciência do perigo deve-se a um sistema defensivo destinado a controlar o medo.

Este autor (op. Cit.1992) comenta que no discurso do trabalhador a ansiedade vivenciada na situação de trabalho estrutura o sofrimento mental dos trabalhadores. Este autor considera que isto pode ser observado em indústrias químicas, por exemplo, onde tudo remete a possibilidade de ocorrência de um acidente ou incidente pela exposição de cartazes, sinais luminosos, alarmes sonoros e visuais, presença de capacetes e de luvas (empoeiradas) estrategicamente dispostas, provocando medo mais do que constituindo de fato uma proteção.

Para Dejours (op.cit, 1992) o medo consiste em um instrumento de controle social na empresa e serve, ainda, a produtividade, pois mantém os trabalhadores atentos a qualquer incidente no desenvolvimento do processo de produção.

Ressalte-se que, segundo a Direção Geral de Humanização do Trabalho da Bélgica (2005), não se deve confundir a carga mental de trabalho e o “stress” ao trabalho. O stress ao trabalho é um conceito mais amplo que o de carga mental. A carga mental refere-se aos limites da capacidade humana de tratar as informações. Quando uma tarefa é executada não se fornece somente esforço físico, mas, devem-se tratar as informações e, efetuar em alguma medida, atividades de reflexão. Para que efetivamente a tarefa seja executada faz-se necessário o processamento das informações recebidas. A carga mental de trabalho refere-se, portanto, ao processo de percepção e tratamento das informações relativas à tarefa. Em última análise, a carga mental de trabalho é determinada pela interação entre as exigências da tarefa e a capacidade de tratamento da informação pela pessoa.

Um aspecto que deve ser destacado é que o sofrimento psíquico pode evoluir de modo imperceptível ou eclodir na situação de trabalho a partir de fatores diretamente relacionados ao trabalho, a exemplo dos acidentes que podem ocorrer na tarefa de microtomia, foco desta pesquisa e, também, no manuseio de substâncias químicas.

Supomos que a avaliação da carga mental de trabalho (Guelaud, et al.1975) como um fator componente da carga de trabalho possa indicar uma direção para ações preventivas eficazes que assegurem condições de trabalho mais apropriadas que diante, por exemplo, de situações de exposição a riscos de acidentes seja possível evitá-las e, conseqüentemente, impedir que se deflagre um sofrimento psíquico que possa até mesmo evoluir para outras manifestações psicopatológicas.

Consideramos pertinente buscar um consenso para a conceituação das diferentes cargas, a saber, carga de trabalho, carga mental de trabalho, carga física, carga cognitiva, carga psíquica, carga emocional, fazendo uma distinção, com relação ao *stress*.

Uma vez que os fatores preponderantes sejam reconhecidos, pode-se atuar evitando, por exemplo, que os efeitos na situação de trabalho decorrentes, de uma falta de atenção ou um distúrbio psíquico, sejam interpretados como, indolência, negligência, despreparo do trabalhador ou irresponsabilidade.

Vale lembrar como preconiza Wisner (1994) que os aspectos físico, cognitivo e psíquico estão inter-relacionados e podem resultar em sobrecarga. Supomos que a partir dos fatores de carga mental de trabalho propostas no método L.E.S.T. (Guelaud et al., 1975) e referidas na adaptação do “Questionário de Carga Mental de Trabalho do Histotécnico”, da Análise de Conteúdo, da Análise da Tarefa do Histotécnico, a hipótese que sustentamos, a saber, que os fatores de carga mental de trabalho associados ao risco de acidentes a que está exposto o operador no manuseio do micrótomo rotativo representam fonte de sofrimento psíquico tenha sido comprovada.

Para finalizar, deve-se ressaltar que além da avaliação da carga mental de trabalho, um componente importante da carga de trabalho global, outros fatores merecem ser enfatizados, como os fatores ambientais que se destacam de modo adverso nas condições de trabalho e o reconhecimento ao trabalho. No desenvolvimento desta pesquisa, pode-se observar que a busca de reconhecimento profissional e de valorização do trabalho emerge no discurso dos trabalhadores em vários momentos. O reconhecimento é elemento essencial para preservar e construir a identidade dos indivíduos, para proporcionar um sentido ao seu trabalho, favorecer o seu

desenvolvimento e contribuir para o bem-estar profissional. Na acepção de Dejours (1997) vimos que o reconhecimento é a forma de retribuição moral-simbólica dada ao trabalhador como compensação pelas ações praticadas em prol da eficácia da organização do trabalho pelo investimento de sua subjetividade e inteligência. No entanto, consideramos que o reconhecimento envolve algo mais profundo que deve ser individualmente assimilado para, a posteriori, ser praticado de modo interdependente pelas pessoas nas relações de trabalho. Analisando a estrutura das organizações de trabalho supomos que uma tomada de consciência e atitude por uma dinâmica de reconhecimento do trabalhador contribuiria para a prevenção de acidentes e para que a organização de trabalho evitasse uma direção de sofrimento psíquico rumo ao adoecimento. Esta questão nos parece o cerne de muitos outros fatores que se apresentam desfavoráveis e se multiplicam nas condições de trabalho, influenciando na carga mental de trabalho de modo a sobrecarregar este fator bem como outros fatores componentes da carga de trabalho global. As pessoas são diferentes e por esta razão, o reconhecimento deve ser praticado de modo singular numa relação humano-humano.

“Mas na minha visão, o que mais contribui para a ocorrência de acidentes é o fato da nossa profissão não ser reconhecida, ficamos a margem das Leis Trabalhistas, sem uma legislação própria.” (Declaração de um histotécnico).

“O Histotécnico deveria ser reconhecido pelo seu trabalho.” (Declaração de um histotécnico).

8.2 **Recomendações**

Nesta pesquisa, considerando às condições de trabalho e a natureza da tarefa do histotécnico, sugerimos que para uma ação preventiva de acidentes em conjunto aos fatores predominantes de carga mental de trabalho devem ser observados, também, outros fatores da carga de trabalho como fatores relacionados às condições ambientais, à carga física de trabalho, fatores psicossociológicos e, à introdução de pausas no trabalho de modo a reduzir os custos humanos.

A exemplo do que Dul e Weerdmeester (2004) preconizam, pode-se reduzir a fadiga muscular com diversas pausas curtas distribuídas ao longo da jornada de trabalho. Este autor argumenta que é preferível a adoção de pausas curtas a pausas longas ao final da tarefa ou ao término da jornada de trabalho. O mesmo autor acrescenta que a exaustão muscular deve ser evitada uma vez que quando há um esforço

contínuo e os músculos exauridos faz-se necessário em torno de trinta minutos para uma recuperação de 90% de um músculo exausto.

Realçamos as questões referentes aos riscos químicos, biológicos e ergonômicos presentes no trabalho do histotécnico procurando evidenciar através da hipótese desta pesquisa, como foco nos problemas acidentários na tarefa de microtomia, uma direção de sofrimento psíquico na vigência de fatores desta natureza, pela preponderância de fatores de carga mental aliados ao risco de acidentes.

Sugerimos que devido aos odores e vapores de xilol, formol entre outros no ambiente de trabalho, um aspecto relatado pelos trabalhadores, seja adotada uma forma de exaustão tipo capela das substâncias do ambiente.

Paralelamente à adoção de novos equipamentos deve-se observar o contingente de trabalhadores envolvidos para evitar situações de sobrecarga para os trabalhadores (ver o equipamento autotécnico citado capítulo 6, que gerava 74 lâminas e agora 200).

Consideramos a realização de exames periódicos (PCMSO) um fator relevante a ser introduzido beneficiando estes trabalhadores que desenvolvem suas atividades em condições de trabalho reconhecidamente perigosas e insalubres.

8.3 Desdobramentos da Pesquisa

Consideramos que as pesquisas em carga mental de trabalho devem enfatizar o domínio da Ergonomia Cognitiva a partir de estudos relacionados à percepção buscando um melhor entendimento das interações humano-tecnologia para o aprimoramento e construção de equipamentos e desenvolvimento de ambientes mais compatíveis de trabalho.

Deve-se ressaltar também a importância de se praticar a Ergonomia de conscientização de acordo com as necessidades envolvidas em cada contexto produtivo, para minimizar os acidentes e contribuir para a prevenção de acidentes. Além disso, relacionar outros domínios de conhecimento como as pesquisas sobre o *stress*, com o objetivo de integrar as informações que são relevantes para a carga de trabalho.

Ressaltamos ainda as pesquisas sobre a atenção, e fatores relativos ao constrangimento de tempo, os estudos sobre o erro humano como fatores de destaque para a gestão de acidentes.